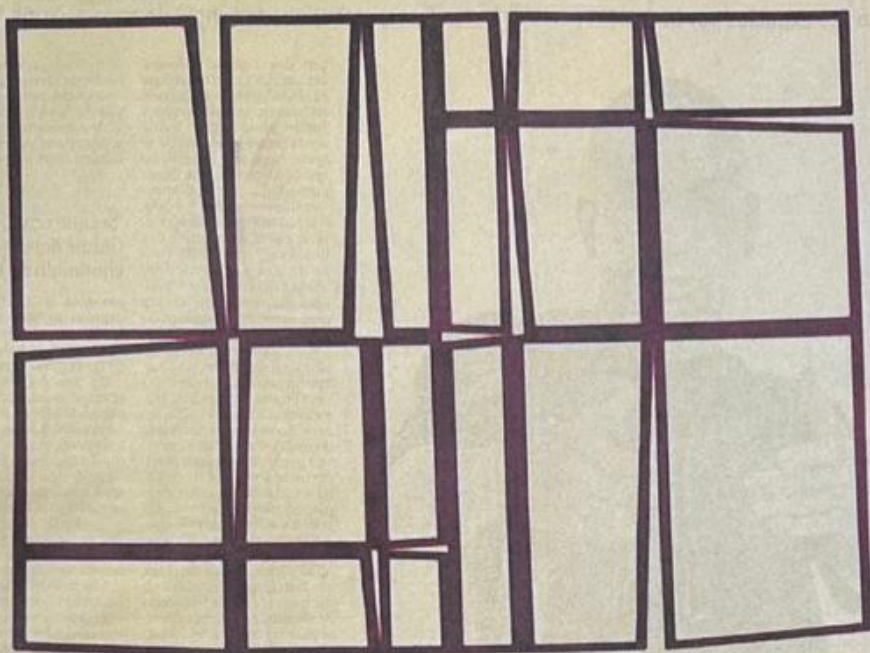


ilustrada



'Metaesquema MET 106', de Hélio Oiticica, tela de 1958, em exposição na Casa SP-Arte Fotos Oivulgação

Casa de Flávio de Carvalho abriga espaço da SP-Arte com Hélio Oiticica

Imóvel de vila modernista na capital paulista resgata projeto arquitetônico original com exposição cheia de cores

Caio Delcollí

SÃO PAULO Em meio a ruas arborizadas, trânsito intenso e prédios residenciais no miolo do bairro dos Jardins, no centro de São Paulo, uma vila modernista, desenhada por Flávio de Carvalho, abriga agora o primeiro espaço permanente da feira SP-Arte. O local funciona em parceria com a galeria Gomide & Co, que se mudou da casa para a avenida Paulista.

A inauguração neste sábado começa com a mostra "Hélio Oiticica: Mundo-Labirinto", com 18 peças de momentos cruciais da obra do neoconcretista. A organização é de Luísa Duarte, da Gomide & Co. "A casa é uma pequena joia incrustada nos Jardins", afirma Fernanda Feitosa, fundadora e diretora da SP-Arte, evento que começa no fim deste mês. "Será um palco de encontros, visitas, círculos, estudos, lançamentos. E, eventualmente, também para o design".

O lugar passou por obras para resgatar o projeto arquitetônico do arquiteto modernista, desenvolvido na década de 1930. Agora, quase cem anos depois, a casa é a única dos 17 imóveis da vila que se mantém fiel aos traços de Carvalho.

"O Flávio foi um artista inquieto e visionário, assim como o Hélio", afirma a diretora. "Uma exposição dele realmente faz a inauguração perfeita para essa nova fase da casa".

"Mundo-Labirinto" é uma mostra enxuta, concebida para o ambiente doméstico, diz Duarte. A essência inovadora, alegre e experimental do artista, que morreu em 1960, aos 42 anos, está presente nes-

se conjunto de peças pequenas em escala, mas ambicioso.

"A mostra faz você se lembrar que tem um corpo, da dimensão tátil e sensível do mundo. Você pode tocar e andar dentro das obras", diz a organizadora. "Se ele estivesse vivo, ele acharia graça nessa quantidade de telas. O Hélio era um apaixonado por TV".

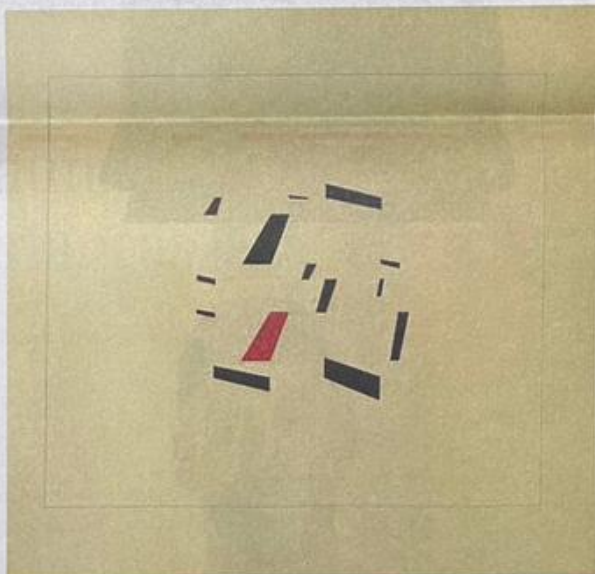
Logo na entrada, o visitante vai se deparar com uma cópia de exibição da obra "PNI", da série "Penetrável", de 1961, peça central da mostra. É uma grande caixa de madeira na qual pessoas podem entrar e mover portas em uma estrutura labiríntica. É uma homenagem ao crítico Mário Pedrosa.

Outra peça importante é uma versão inédita de uma "Cosmococa", projeto que completou 50 anos nesta semana, e que leva a assinatura do cineasta Neville d'Almeida. O poema "Dias, Dias e Dias", de Augusto de Campos, é lido numa gravação por Caetano Veloso, com música do compositor John Cage ao fundo.

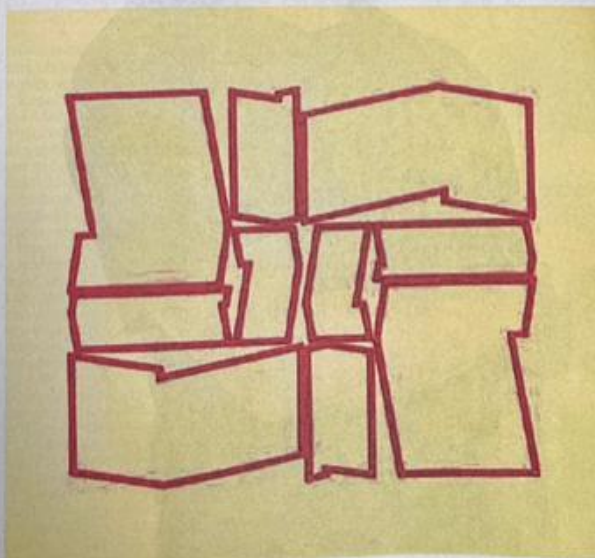
Os "Bóldes" também estão na exposição. Embora os visitantes não possam tocar neles, poderão ver as combinações de cortes e texturas nessas caixas de madeira pintada, tecido, pedra e plástico.

A série "Parangolé" — uma espécie de capa colorida definida por Haroldo de Campos como asa-delta para o êxtase — conta ainda com dois exemplares. Enquanto um não pode ser tocado, outro é uma reprodução livre para ser usada pelos visitantes.

A obra de Oiticica, ligada a buscas pelo corpo ideal para cores, também é uma inter-



'Metaesquema MET 028', de Hélio Oiticica, tela de 1957



'Metaesquema MET 098', de Hélio Oiticica, tela de 1958

seção entre variadas formas de arte. A mostra é a oportunidade para quem entra em contato pela primeira vez com o artista e quer aproveitar o espaço. "Há ainda uma sala com livros que os visitantes podem consultar para conhecer mais sobre ele", afirma Duarte.

Hélio Oiticica

Casa SP-Arte - al. Min. Rocha Azevedo, 1.052, São Paulo. Ter a sab. - das 11h às 17h. Até 22 de julho. Livre. Grátis

'Cosmococa', com Neville d'Almeida, completa 50 anos

Daniilo Thomaz

NO DE JANEIRO Quem entrasse no castelinho da Escola de Artes Visuais do Parque Lage na noite da última segunda sem qualquer informação prévia da "Cosmococa", dos artistas Hélio Oiticica e Neville d'Almeida, jamais diria se tratar de uma efeméride dos 50 anos de uma das criações mais radicais da arte brasileira.

Um grupo de pessoas, em sua maioria jovens, esbeltas, de roupas de banho, saíram e entravam na piscina, ao som de ritmos instrumentais, sob luzes verdes e azuis. Dois telões exibiam imagens do livro "Notations", de John Cage, que dava a trilha da noite, com uma coleção de seus manuscritos musicais, na época do qual Oiticica e d'Almeida fizeram intervenções artísticas, as "mancoquillagens".

Tudo isso é a "Cosmococa". No caso, a "Cosmococa 4 Nocagions". Uma experiência que permanece radical, celebrada sem solenidades.

"Nunca esperei estar 50 anos depois aqui. A obra sobreviveu. É a primeira instalação da arte contemporânea, interativa, audiovisual e sensorial", afirma d'Almeida.

A única a contar com a interação junto da água é a chamada "CC4", dedicada aos poetas Augusto de Campos e Haroldo de Campos, criadores da poesia concreta junto com Décio Pignatari. "Pela primeira vez na história da arte, uma obra que envolve água. Nós chamamos a estar dentro da obra".

A inspiração, conta d'Almeida, foi precisamente Cage, um dos maiores renovadores musicais do século 20, pioneiro da eletroacústica. "Ele ousou escrever música de outra forma num país com a maior indústria musical do mundo".

A ideia da dupla, que criou a série em Nova York, era realizar um filme. "Em vez do filme fizeram essa coisa que extrapolou o filme", conta César Oiticica Filho, artista e organizador da mostra. D'Almeida ficou encarregado dos desenhos de Oiticica, das filmagens, usando a câmera fotográfica como se fosse de cinema.

O evento no Parque Lage deu início à celebração dos 50 anos da "Cosmococa", que faz parte do acervo do Instituto Inhotim, em Minas Gerais. Além da mostra no novo espaço da SP-Arte, está previsto um evento na casa que pertenceu ao arquiteto Flávio de Carvalho, em Valinhos, no interior de São Paulo, também da "Cosmococa 4 Nocagions".

A galeria Lisson, em Nova York, deve mostrar a "Cosmococa 5 Hendrix War", e a "Cosmococa 2 Onobject" será exibida na The Mistake Room, em Los Angeles.

Hoje a série "Cosmococa" roda o planeta, mas nem sempre gozou desse prestígio. A primeira exibição no Brasil foi só há 20 anos. D'Almeida atribui a rejeição ao preconceito e ao moralismo da burguesia, talvez pelo fato de os traços em desenhos dela serem feitos com linhas de cocaína.

"A cocaína se transforma em pigmento branco pela primeira vez na história da arte. Isso gera uma série de visões distorcidas baseadas na intolerância. Por que não usar esse material? A arte é transmutação. O que interessa é o pigmento branco".